

O SOBRADO DE JOÃO DE MATOS DE AGUIAR, DE 1674

Carlos Ott

RESUMO

O autor faz um relato histórico- arquetônico do solar de João de Matos de Aguiar, rico português residente no Brasil e Cavaleiro da Ordem de Santiago de Compostela da Espanha, especialmente da portada de arenito, com sua porta, e sua influência em outras casas construídas na Bahia, nos séculos XVII e XVIII.

O solar de João de Matos de Aguiar, construído em 1674, na Ladeira da Praça, Salvador-BA, foi demolido, em tempos recentes, mas a sua portada de arenito e sua porta de madeira avermelhada (talvez pau-brasil), com motivos decorativos mexicanos - segundo argumentação do autor - foram transferidos para o prédio do, hoje, Museu de Arte da Bahia.

Um dos solares mais antigos e que exerceu grande influência em outros foi o de João de Matos de Aguiar, construído em 1674, na ladeira da Praça.

Este João de Matos de Aguiar foi admi

tido como Irmão da St. Casa de Misericórdia da cidade do Salvador, em 11 de julho de 1668 e deve ter chegado à Bahia alguns anos antes dessa data. Ele era cavaleiro da Ordem de Santiago de Compostela da Espanha, tendo nascido na freguesia de São Julião de Moreira, Termo da Vila de Ponte de Lima, arcebispado de Braga, filho de Gaspar Martins de Matos e de sua mulher Maria de Matos, já defuntos, em 1668¹.

Ele era solteiro, em 1668, e ficou solteiro até morrer, deixando todos os seus bens à St. Casa de Misericórdia da cidade do Salvador; e estes bens eram tão grandes que a St. Casa, depois de 1704, construiu com eles o seu Recolhimento para moças pobres, que ao se casarem recebiam um dote. E este Recolhimento tinha o tamanho de um convento de tamanho médio, ligado com o edifício da St. Casa por um viaduto, na ladeira da Misericórdia, para que as moças pudessem vir assistir à missa na igreja da St. Casa; mas ao se fazer um coro especial para elas, derubou-se a antiga fachada da igreja da St. Casa, por volta de 1720, levantando uma nova fachada com dois coros e acrescentando, por isso, mais uns quatro metros de altura à nave da igreja, tudo isso por conta da doação dos bens de João de Matos de Aguiar².

A casa que ele tinha feito, em 1674, na ladeira da Praça, a St. Casa vendeu em 25 de junho de 1799, por quatro contos e oitocentos mil réis (um preço enorme para uma casa, naquele tempo) ao Tenente Coronel Nicolau Carneiro da Rocha e Menezes, o qual pagou de entrada um conto e seiscentos mil réis, com a obrigação de pagar o restante no tempo seguinte³.

A dita casa não veio aos nossos dias, mas está descrita na escritura da venda mencionada de uma maneira muito sumária, dizendo-se que constava "do sobrado de cima, três por baixo, duas lojas e uma cocheira"⁴.

Poder-se-ia pensar que, tendo um sobrado dentro dele uma cocheira, não era uma casa nobre; entretanto, não se deu este caso, pois João de Matos de Aguiar veio do extremo norte de Portugal, da zona de Braga, região na qual se estabeleceram os Suevos de origem germânica, vindos da Alemanha meri-
Universitas. Cultura. Salvador(39): 13-18, jan./mar. 1987

dional, onde até hoje os camponeses moram em casas de sobrado, tendo no andar térreo o curral⁵, costume até hoje existente no norte de Portugal, como mostrou no Colóquio luso-brasileiro de 1959 o português Fernando Galhano, numa tese intitulada "Varandas e cozinhas rurais de Portugal a norte do Mondego", sendo relator desta tese o autor destas linhas.

Ao que tudo indica, também na Casa dos Sete Candeeiros havia cocheira; com certeza havia cocheira na casa nº 4 da Praça da Aclamação, na cidade de Cachoeira, construída em 1723; e, aliás, é um fato provado que dois terços de portugueses radicados na Bahia vieram do norte de Portugal⁶.

Em tempos recentes, foi necessário derubar o sobrado de João de Matos de Aguiar, da lajeira da Praça, e sua portada de arenito, como sua porta, foram transferidas para o novo palácio que, em 1927, se construiu na Vitória, sendo instalada aí a Secretaria de Educação e Saúde, em 1982, transformado hoje em Museu de Arte da Bahia.

Trata-se, agora, de dizer de que origem é o motivo decorativo que rodeia a portada de arenito.

Acompanhando intelectuais europeus e mostrando o mesmo motivo decorativo num dos postigos da igreja do convento do Carmo, a pessoa interpelada logo respondeu que se tratava de um motivo decorativo de significado fálico, oriundo do Oriente Médio.

Entretanto, aí surge a questão: iam em pregar um motivo decorativo fálico na decoração de uma igreja?

Evidentemente não, a não ser que não conhecessem o seu significado; mas os portugueses o conheciam, pois constava de mosaicos romanos existentes em Coimbra.

Já se escreveu muita coisa útil e inútil sobre a origem dos motivos decorativos usados no mundo inteiro; e foram os etnólogos e não os historiadores de arte, nem os arquitetos, que resolveram o problema, de sorte que hoje em dia não se pode tratar corretamente de história da arte sem ter estudado

do etnologia.

No caso da portada da Casa de João de Matos de Aguiar, deve-se dizer que o motivo decorativo nela existente foi copiado da porta de madeira avermelhada que fecha esta portada. E o motivo decorativo principal nela existente é a cabeça humana com a língua de fora, um motivo decorativo exclusivamente mexicano. E já que estas cabeças mexicanas estão cercadas pelo mesmo motivo repetido na portada, deve-se dar, ao último, significado mexicano e não oriental.

No México, encontra-se este motivo decorativo no templo dos tigres Chichén-Itzá, significando a cobra-grande, o arco-íris que traz a chuva⁷, sendo, pois, também, motivo decorativo de fertilidade, mas de fertilidade da natureza vegetal e não da fertilidade humana, como no Oriente Médio. E que os baianos o tomaram no sentido mexicano, mostra sua aplicação em portadas de igrejas, como na antiga Sé e nas matrizes de Maragogipe e do Monte, como na porta de madeira da matriz de Lauro de Freitas, para não falar de outras aplicações em redor de púlpitos e lavabos.

Já que João de Matos de Aguiar era cavaleiro da Ordem de Santiago de Compostela, situada na Espanha, ele encomendou o feitiço desta porta de madeira avermelhada (talvez pau-brasil, o que um entendido neste campo poderia examinar) a um amigo espanhol. Caso ele tenha mandado da Bahia a madeira para isso, o que não teria sido nada de extraordinário, pois a Ordem 3ª do Carmo da Cidade do Salvador também mandou a Portugal toros para a fabricação de imagens⁸, a meu ver foi um marceneiro mexicano quem fez a porta, pois um marceneiro português ou baiano não teria sido capaz de elaborar, com esta perfeição, os baixos-relevos mexicanos; isso só podia fazer um homem que já o fizera anteriormente várias vezes.

Naturalmente, alguém me pode dizer que os marceneiros baianos tomaram este motivo decorativo como trança de cabelo de mulher, pois os beneditinos também o mandaram aplicar na porta principal da sua casa de Fazenda, em São Paulo⁹, em 1702; mas podiam ter dito aos moradores que isso significava

uma corda enrolada. Os camponeses ignorantes iam em golir qualquer mentira.

Entretanto, que o motivo decorativo em pregado na portada e na porta de madeira do solar de João de Matos de Aguiar era a cobra estilizada mexicana e não trança de mulher, nem corda enrolada de veleiro português, a nossa argumentação acima exposta prova com evidência.

NOTAS

1 Termos de Irmãos 1663-1693, Arquivo da Santa Casa de Misericórdia do Salvador, livro 2, fl. 43r.

2 Receita de principais 1772-1824, Arquivo da Santa Casa de Misericórdia do Salvador, livro 2, fl. 60r. . Escrituras, Arquivo da Santa Casa de Misericórdia do Salvador, livro 4, fl. 353r - 355r. - Ott, Carlos. A Santa Casa de Misericórdia da Cidade do Salvador. Rio de Janeiro, 1960. p.91-2.

3 Ibid.

4 Escrituras..., op.cit., nota 2.

5 Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (4º: /1959: Salvador). Salvador, s.d. p.28.

6 Ott, Carlos. Formação e evolução étnica da cidade do Salvador, 1955. t.1, p.43-51.

7 Angulo Iñiguez, Diego & Marco Dorta, Enrique. História del arte hispanoamericano. Barcelona, 1945. p. 20a.

8 Assentos da Ordem, 1936-1709, Arquivo da Ordem 3ª do Carmo do Salvador, livro 1, fl. 102v.

9 Cf. Saia, Luís. Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 8: 252, 1944.